

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : OESP

CLASS. : 05

DATA : 23 02 91

PG. : 02

Ressurreição da floresta amazônica

FAY HAUSSMAN

Existe hoje uma Amazônia que poucos vêem. É a Amazônia das pesquisas de solo e dos esforços para corrigir suas deficiências. É a Amazônia dos grandes plantios de árvores de genética bem estabelecida, e da proteção determinada e eficaz de vastas áreas intocadas de floresta para preservar seu acervo genético. E, finalmente, é a Amazônia onde se recria a exuberante floresta tropical, cobrindo-se áreas totalmente erodidas com uma fina camada de terra fértil e espalhando-se sobre ela sementes variadas: no devido tempo, ali brotarão arbustos, trepadeiras e árvores, atraindo animais que, por sua vez, catalizarão a reprodução de novas plantas — método quase infalível de “revegetação de terras degradadas”, no ecologuês de Henry Oliver Knowles, em Trombetas.

Não estou falando do Inpa, em Manaus, nem das Anavilhanas ou das outras estações e reservas biológicas ou ecológicas espalhadas pela Amazônia, a maioria enfrentando falta de verbas e de recursos humanos. Mas de sistemas de manejo florestal, bem-sucedidos e economicamente viáveis, que hoje funcionam em algumas das maiores indústrias da Amazônia oriental.

Quanto tempo leva o reflorestamento de uma área desnudada na Amazônia? Como nova-iorquina, pensei que levaria pelo menos 30 anos. Um paulistano me disse que talvez apenas 20. Oliver Henry Knowles, ecologista

inglês de renome internacional que trabalha para a Mineração Rio do Norte, está reflorestando as áreas degradadas pela mineração de bauxita. Mas, enquanto Knowles aprimora técnicas essencialmente empíricas para incentivar a natureza a cumprir tarefas que lhe são inerentes, os métodos de produção patrocinados por outras grandes empresas têm nítidas bases científicas.

O Projeto Jari, grande produtor de celulose e sobrevivente de uma das maiores polêmicas que envolveu a exploração econômica da Amazônia, tornou-se nos últimos sete anos um importante centro de pesquisa florestal. Graças a um convênio com a Embrapa, que implantou no Jari a primeira reserva genética da região, os três tipos de árvores plantadas para o processamento na fábrica de celulose — gmelina, pinus e eucalipto — são criadas com determinadas características genéticas, em solos enriquecidos, e se transformam em produtos de primeira qualidade.

O volumoso estudo *Os Solos do Jari*, que recebi de brinde, encontrei outra vez dois dias mais tarde sobre a mesa do engenheiro florestal chefe de uma fábrica de silicone instalada ao lado de uma mina de silício metálico, próxima à hidrelétrica de Tucuruí. “Temos solos similares e trabalhamos em estrita colaboração”, disse-me ele. A colaboração abrange vastos plantios de eucaliptos e o desafio de criar espécies com o maior teor possível de carbono — esse carbono ve-

getal é indispensável ao processo de redução para purificar o silício metálico do seu oxigênio e transformá-lo em silicone. Existe também um grande trecho de floresta intocada como reserva genética e, visitando as diversas instalações, é possível notar que cada fase de produção, desde a mina até o empacotamento final do silicone na fábrica, é combinada com cuidados para proteger o meio ambiente.

Alguns dos grandes madeireiros da região também já parecem dispostos a conciliar as atividades econômicas com a preservação ecológica. Eles se dão conta de que o manejo florestal é a única opção para repor as madeiras nobres extraídas, e quase desaparecidas, de vastas áreas do Pará e de Rondônia.

É óbvio que não é a recente eclosão de uma consciência ecológica entre as indústrias e os grandes madeireiros da Amazônia que vai resolver os graves problemas da região — a extrema pobreza de sua população rural, a brutalidade contra peões, posseiros e colonos e as matanças, sistemáticas e impunes, de dirigentes sindicais e outras pessoas consideradas “inconvenientes”.

Contudo, parece-me indiscutível que uma das melhores maneiras de proteger a floresta é dar ênfase — inteligente, sustentada, educativa — ao seu valor econômico.

□ *Fay Haussman, jornalista, é brasileira e coordenadora dos seminários sobre o Brasil na Universidade de Colúmbia (Nova York)*